

UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E LETRAS
CURSO DE JORNALISMO

FABIANA ABATE GUGLIELMI

QUILOMBO DOURADO
UM DOCUMENTÁRIO SOBRE A COMUNIDADE QUILOMBOLA
MUMBUCA DO JALAPÃO

SÃO PAULO
2º SEMESTRE 2019

FABIANA ABATE GUGLIELMI

**QUILOMBO DOURADO
UM DOCUMENTÁRIO SOBRE A COMUNIDADE QUILOMBOLA
MUMBUCA DO JALAPÃO**

Relatório Final do TCC II (Trabalho de Conclusão de Curso), apresentado ao Centro de Comunicação e Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie, para obtenção do Título de Bacharel em Jornalismo, sob a orientação do Sr. Prof. Ms. Vanderlei Dias de Souza.

**SÃO PAULO
2º SEMESTRE 2019**

ESTE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO NÃO REFLETE A OPINIÃO DA UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE. SEU CONTEÚDO E ABORDAGEM SÃO DE TOTAL RESPONSABILIDADE DO SEU AUTOR.

LINK:

<https://www.youtube.com/watch?v=Fuin-4SK16M>

Data de Publicação: 6 de novembro de 2019.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, que sempre me apoiaram nas minhas decisões, me incentivaram e deram todo o suporte necessário à minha formação como pessoa e profissional.

A esta universidade e seu corpo docente, que me proporcionaram quatro anos de ensino de qualidade e me disponibilizaram a infraestrutura e conhecimento para me formar na profissão que escolhi.

Ao meu orientador Vanderlei Dias, que apesar de não ter feito parte da fase de gravações do trabalho, me ajudou muito no processo de criação e elaboração do conteúdo.

A minha ex-chefe Renata Zanoni, que me incentivou a ir ao Jalapão e me deu uns dias de folga, além de ter me proporcionado um ano maravilhoso de estágio na revista dos meus sonhos, que me trouxe infinitos aprendizados.

Ao meu editor e agora amigo Carlos Jardim, que me deixou estar presente em todas as etapas da montagem e me ensinou muito sobre. É quem me fez me apaixonar por edição e me ensinou muito sobre filmagem.

A toda comunidade de Mumbuca, que me recebeu de braços abertos apesar do passado de desconfiança com *outsiders* e me trataram com todo o amor e carinho.

A Dona Tonha, que me acolheu em sua casa e me tratou como parente. A quem eu prometi voltar ao Jalapão e, claro, levar meu pai junto, pois ele é “muito simpático e inteligente”.

Aos meus amigos e familiares pelo suporte emocional durante esse ano, um dos mais complicados para mim.

“Journalism can never be silent: that is its greatest virtue and its greatest fault. It must speak, and speak immediately, while the echoes of wonder, the claims of triumph and the signs of horror are still in the air.”

Henry Anatole Grunwald

RESUMO

A Comunidade Quilombola Mumbuca é o primeiro povoado da região do Jalapão (TO), e suas origens remontam ao século XIX, quando escravos fugidos do sul da Bahia encontraram o local praticamente inabitado. Viviam da agropecuária de subsistência e do escambo da arte que acompanha o desenvolvimento do povoado até os dias de hoje: o artesanato do Capim Dourado, do qual foi pioneira. O objetivo deste trabalho foi desenvolver um documentário que mostre os aspectos culturais da comunidade, assim como as transformações sofridas após a inserção de seu território no Parque Estadual do Jalapão, em 2001. Durante a elaboração deste projeto, a falta de um material de apoio confiável e amplo sobre Mumbuca demonstrou a falha, por parte da mídia, em retratar as diferentes identidades culturais que formam o Brasil, um país dono de um passado escravocrata e de muita diversidade. Por isso, trata-se de um documentário etnográfico cujos depoimentos dos nativos do povoado são valorizados prioritariamente.

Palavras-chave: Mumbuca; capim dourado; Parque Estadual do Jalapão; documentário; jornalismo.

ABSTRACT

The Mumbuca Quilombola Community is the first group to populate the Jalapão area (Tocantins, Brazil). The community's history goes all the way back to the 19th century, when the slaves who ran away from the south of Bahia found this uninhabited land. Back then, they lived off of subsistence farming and bartering of art, their well-known Capim Dourado (Golden Grass), which is, until today, a very popular merchandise. The goal of this project was to create a documentary that shows not only the culture aspects of the community, but also the transformations that occurred after the community was established as part of the Estate Park of Jalapão, in 2001. During the production of this short movie, the lack of support and aid directed to the Mumbuca's population, showed how the Brazilian media fails to provide an accurate image of the different cultures that make up Brazil. Therefore, the project can be considered an ethnographic documentary where the words spoken by the inhabitants of Jalapão were extremely valued.

Keywords: Mumbuca; Golden grass; Jalapao State Park; documentary; journalism.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	10
2. REFERENCIAL TEÓRICO.....	12
2.1. O Parque Estadual do Jalapão.....	12
2.2. A Comunidade Quilombola Mumbuca.....	12
2.3. Jornalismo Cultural.....	16
2.4. Documentário Etnográfico e Linguagem.....	17
3. DESENVOLVIMENTO DA PEÇA.....	19
3.1. Gravações.....	21
3.2. Entrevistas.....	23
3.3. Linha Narrativa e Montagem da Peça.....	24
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	24
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	27
6. ANEXOS.....	31
7. APÊNDICES.....	32

1. INTRODUÇÃO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso teve como objeto de pesquisa a Comunidade Quilombola Mumbuca, localizada dentro dos domínios do Parque Estadual do Jalapão¹, no município de Mateiros, Tocantins. Remanescente de quilombolas e indígenas, a Mumbuca é uma das oito comunidades do Jalapão. Como produto final, houve a realização de um documentário cujo objetivo foi contar história do povoado, seus costumes e dificuldades territoriais.

Como é o caso da maioria dos territórios de negros refugiados, o local onde a comunidade está é de difícil acesso, e se manteve isolado por muito tempo. Por isso, o tempo em Mumbuca passou de uma maneira diferente. Enquanto as grandes cidades possuíam eletricidade desde a época colonial², a comunidade só foi saber do que se tratava em 2001³. Diante disso, o projeto buscou responder à seguinte pergunta-problema: “como abordar jornalisticamente e de forma poética o objeto de pesquisa mencionado?”.

Atualmente, Mumbuca abriga cerca de cem pessoas. As casas ainda são feitas de barro, com telhado de palha ou taipa de mão⁴, e o saneamento básico é precário. Foi com o surgimento do artesanato do Capim Dourado⁵ que Mumbuca começou a se desenvolver. Em 2000, com a criação da Associação do Capim Dourado, o comércio da arte se tornou sua principal fonte de renda, de acordo com o portal ArteSol⁶.

São pulseiras, brincos, chaveiros, bolsas, cintos, vasos, brinquedos e peças de decoração, entre outros. Para evitar a extinção do capim, a regulamentação do Tocantins proíbe a saída do material "in natura" da região. Somente as peças já produzidas pela comunidade local podem ser comercializadas. (BRASIL, 2016)

A relação da autora do projeto com o tema se dá pela afeição pelo audiovisual e assuntos culturais, principalmente aqueles que dizem respeito à formação da identidade

¹ Na região leste do Estado do Tocantins, abrange os municípios de São Felix do Tocantins, Mateiros, Rio do Sono, Lizarda, Santa Teresa do Tocantins e Novo Acordo.

² Em 1879, Dom Pedro II concedeu a Thomaz Alva Edison a permissão de introduzir no país aparelhos de sua criação destinados à utilização de eletricidade na iluminação pública.

³ Como conta Antônia Ribeiro, “Dona Tonha”, em entrevista a esta autora.

⁴ Conhecida também como pau-a-pique, trata-se de uma técnica em que as paredes são armadas com madeira ou bambu e preenchidas com barro e fibra.

⁵ O Capim Dourado é uma flor da família das sempre-vivas (Eriocaulaceae) que nasce no cerrado, e é de sua haste que o artesanato é feito.

⁶ A ArteSol é uma organização sem fins lucrativos que atua há quase 20 anos investindo na valorização e promoção do artesanato tradicional nacional, através de estratégias sustentáveis das comunidades em que atuam.

do povo brasileiro e a aspectos da história que não são muito noticiados pela editoria de cultura, como as comunidades quilombolas. O vídeo foi o produto escolhido por favorecer a manifestação de emoções, conectando o telespectador às personagens com o artifício do áudio e imagens atraentes. A musicalidade está muito presente no cotidiano do povoado, e é explorada no documentário.

A metodologia que embasou a construção desse projeto consistiu em um estudo sobre a Comunidade Quilombola Mumbuca, o Parque Estadual do Jalapão, o artesanato do Capim Dourado e as questões territoriais sofridas pelo povoado após a criação do Parque Estadual do Jalapão. O contato inicial com pessoas da comunidade foi difícil, mas a autora conseguiu se comunicar com uma das habitantes, Ilana Cardoso, que trabalha com turismo sustentável⁷ e de base comunitária. Foi por intermédio dela que a viagem até o Jalapão foi programada.

Questionamentos que o trabalho procurou responder com essa peça foram: como começou o povoado? Qual a história do Capim Dourado? Do que e como eles viviam antes do Parque? Quais são seus costumes ancestrais, e o que mudou de 2001⁸ para cá? Qual a forma de medicina utilizada? Como a música está presente no dia a dia daquele povo? O resultado é o curta-documentário de 23 minutos *Quilombo Dourado*, que também buscou mostrar um pouco da experiência pessoas da autora- nas narrações em primeira pessoa-, assim como a vasta natureza do Jalapão.

O elemento-chave da jornada foi a imprevisibilidade e o máximo de naturalidade e comprometimento com a realidade possível. A proximidade durante uma semana com as personagens e a convivência diária foi essencial para compreender as singularidades dos habitantes de Mumbuca e estabelecer uma relação de confiança. O que os telespectadores verão no documentário e neste projeto é uma outra face do Jalapão, que vai além das belezas naturais que atraem turistas cada vez mais. *Quilombo Dourado* enaltece as pessoas que lá vivem e possuem uma cultura própria. As pessoas que preservam o paraíso nacional há séculos.

⁷ De acordo com o Ministério do Meio Ambiente e a EMBRATUR, o ecoturismo é um segmento que usa de forma sustentável os recursos naturais e patrimônios culturais. Há contato direto com o meio ambiente, não só o preservando, mas também expandindo uma cultura de consciência de preservação.

⁸ Quando ocorreu a criação do Parque Estadual do Jalapão.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1. O Parque Estadual do Jalapão

O Tocantins (TO) foi criado em 1988 através da promulgação da Constituição Federal. Estamos falando do estado mais novo do Brasil, que guarda muitos mistérios sobre sua história. As raízes da região remontam à corrida do ouro da primeira metade do século XVIII, como conta Ricardo Martins em seu livro *Jalapão, história e cultura* de 2012. O ciclo econômico estabeleceu uma população fixa que misturou branco europeu, índio e negro africano, formando uma identidade cultural singular.

O Parque Estadual do Jalapão (PEJ) fica na região leste do TO, a aproximadamente 310 quilômetros da capital Palmas. Seus limites abrangem os municípios de São Felix do Tocantins, Mateiros, Rio do Sono, Lizarda, Santa Tereza do Tocantins e Novo Acordo, segundo o site Turismo Tocantins.

Definido pela Lei Estadual 1.203 de 12 de janeiro de 2001, o Parque pertence à categoria de Unidade de Conservação (UC) de Proteção Integral do Estado de TO. De acordo com o Site Oficial do Governo de Tocantins, dentre os objetivos dessa UC estão preservar a biodiversidade, disciplinar o processo de ocupação, assegurar a sustentabilidade do uso dos recursos naturais e melhorar a qualidade de vida dos residentes, preservando a cultura e a tradição local (CALDAS, 2017).

Desde 2001, com a incorporação de seu território ao PEJ, a Comunidade Quilombola Mumbuca tem suas tradições alteradas e sofre com a ameaça de ter sua terra perdida. Há um conflito em que de um lado temos Mumbuca e outros quilombos, que há gerações dependem da natureza como recurso de sobrevivência, e de outro o Governo do Tocantins e a NATURATINS (Instituto Natureza do Tocantins), que almejam uma natureza intocada. Cabe ao NATURATINS administrar o PEJ e adotar as providências necessárias ao cumprimento da Lei 1.203, de acordo com seu Art. 5º:

Para os fins deste artigo o NATURATINS poderá agir em parceria com entidades de direito público ou privado, nacionais, internacionais e estrangeiras, bem assim com organizações não governamentais que atuem na área de proteção do meio ambiente e tenham representação no Estado.

2.2. A Comunidade Quilombola Mumbuca

As origens de Mumbuca são controversas, pela ausência de estudos aprofundados sobre o assunto. Não há material suficiente para entender a trajetória do povoado, ou um autor que tenha se dedicado especificamente a isso. Porém, com o

artifício da pesquisa e os relatos dos nativos, foi constatado pela autora que sua criação se deu no século XIX, quando escravos fugidos do sul da Bahia descobriram a região, na época inabitada⁹.

Seu nome deriva da espécie de abelha silvestre “Mombuca”, e seus moradores dizem que é porque o inseto era abundante por lá. Sobre seu passado de escravidão, ninguém pareceu saber muito a respeito. Quando indagados, a resposta era sempre a mesma: “foi um tempo sofrido, tudo que nós tínhamos vinha da Bahia, a viagem levava 30 dias de jumentinho, aqui só ficou quem aguentou”.

A principal figura de Mumbuca é Vó Laurina, como é chamada por todos, que faleceu há alguns anos. Mas algumas de suas netas estão vivas para contar a história. Uma delas é Doutora, que recebeu o apelido por ser a curandeira do quilombo. Ela conta que sua avó veio da Bahia com seu avô Solivéro e foi quem descobriu o Capim Dourado nos campos em meio ao outro capim, desenvolvendo o artesanato e iniciando a tradição. Na comunidade todos falam sobre Vó Laurina, e a celebram nas cantigas de roda.

O Capim Dourado é típico das veredas de solo úmido do cerrado, e apesar do nome, trata-se de uma flor resistente que continua com viço mesmo depois de arrancada na época certa. A história que corre no povoado é que foi Vó Laurina quem desenvolveu a arte de tecer a haste da flor com a seda de buriti¹⁰. Apesar disso, Barbosa e Silva (2018, p.36) acreditam que a técnica tenha sido criada pelos índios Xerente¹¹ e repassada à Mumbuca.

Há alguns anos, o povoado não conhecia dinheiro e vivia apenas de subsistência e escambo¹². Hoje, o artesanato do Capim Dourado é reconhecido como Patrimônio Histórico do Tocantins pela Lei nº 2.106/2009 e gera uma renda mensal mínima por trabalhador de até dois salários mínimos¹³. Com o sucesso de Mumbuca, mais de 16 comunidades passaram a vender a arte. Adelsino Gomes¹⁴, em entrevista para a autora, relata que já não há mais a mesma quantidade da planta nos campos, e que muitos não

⁹ Fato também constatado por Ricardo Martins em seu livro *Jalapão, história e cultura* (2012).

¹⁰ O buriti é uma palmeira que pode alcançar 30m de altura típica dos terrenos alagáveis como as veredas do cerrado. A fibra de sua palha, também chamada de seda, é uma ótima matéria prima para o artesanato.

¹¹ Suas terras são foco de brigas territoriais desde a criação do Estado do Tocantins em 1989.

¹² Conta “Doutora”, curandeira do povoado, em entrevista à autora. Os homens iam à Bahia em uma longa viagem de jumento trocar o Capim Dourado por outras mercadorias.

¹³ De acordo com a Secretaria do Meio Ambiente e Recursos Hídricos do Governo do Tocantins no relatório *Minuta do Projeto de Lei de Uso Sustentável do Capim Dourado e do Buriti* (Brasília, novembro de 2016).

¹⁴ Adelsino é nativo de Mumbuca, agricultor, artesão e dono de um restaurante no povoado.

respeitam o período certo de colheita e até roubam Capim Dourado das áreas do pessoal de Mumbuca.

Até os anos 80, a comunidade se manteve fora do mapa por conta do difícil acesso, o que perdura até hoje. A única forma de chegar ao quilombo é por estrada de terra, sem iluminação ou sinal de internet. Em entrevista à autora, Maureni da Silva Tavares¹⁵ conta que a primeira vez que viu um carro foi aos 18 anos de idade, e que todos ficaram apavorados com a novidade. Eletricidade e sinal de TV só chegaram em 2001, como contam os moradores.

A incorporação dos limites da comunidade ao PEJ mudou o estilo de vida dos remanescentes de quilombolas. Em Mumbuca, todo mundo é família, e por muito tempo se relacionavam entre si, afinal, não conheciam nada além. Hoje, isso já não acontece com tanta frequência, pois além de existirem outros povoados próximos, Mumbuca já tem uma escola, e alguns jovens cursam faculdade e trabalham em Palmas.

Hoje eles vivem a revolução da integração. Em pouco mais de 20 anos uma nova cultura surgiu, uma nova forma de ver e aceitar o mundo está mudando suas tradições, sua forma de se relacionar, seus casamentos. (JUNQUEIRA, 2014, online)

Muitas tradições de seus ancestrais ainda vigoram, como a culinária típica, o artesanato, a medicina natural que utiliza ervas do cerrado, as casas de palha e as cantigas de roda. Na comunidade, homens e mulheres sempre tiveram papéis bem definidos; as mulheres são maioria e são respeitadas e admiradas, afinal, são as responsáveis pelo artesanato do Capim Dourado. A Associação do Capim Dourado do Povoado de Mumbuca foi criada em 2000 por artesãs que sentiam a necessidade de se organizar formalmente e estimular o comércio (REZENDE, online). Enquanto isso, a maioria dos homens trabalha na roça de toco¹⁶, plantando arroz, feijão e mandioca, o que mais dá na terra arenosa e é a base da alimentação do povoado, segundo José Ribeiro da Silva em entrevista à autora.

Um fato a ser ressaltado é que Mumbuca é uma comunidade evangélica apesar de ser quilombola. Santinha¹⁷, como é apelidada, conta que seus antepassados eram católicos, mas que não sabe ao certo quando isso mudou. Nascimento e Abib (2016, p.38) citam que o

¹⁵ Remanescente de quilombola, nasceu e vive em Mumbuca, onde aos 36 anos cria doze filhos e é artesã.

¹⁶ Conhecida também como roça xavante, a área de uma mata preta e fértil, normalmente perto de córrego, é aberta através do corte das árvores com machado, foice ou facão. No período seco, a área é queimada para que matéria orgânica seja depositada novamente. Essa técnica de plantio é comum aos povos indígenas.

¹⁷ Diomar Ribeiro Gomes é uma das anciãs de Mumbuca.

povoado começou a sofrer influência religiosa a partir de missões evangélicas dirigidas por norte-americanos em 1970:

Quanto a esse fenômeno Antônio Liberac Cardoso Pires (2006) aponta que atualmente na comunidade, com o processo de evangelização, diversas práticas lúdicas que eram realizadas foram abandonadas. Essas mesmas práticas podem ainda ser encontradas “em outras comunidades da região do Jalapão que não apresentam fortes traços de evangelização” (2006, p. 75). (NASCIMENTO; ABIB, 2016)

Com a criação do Parque e do NATURATINS, muitas regras foram impostas às comunidades quilombolas. Houve pressão, durante anos¹⁸, para que os moradores saíssem de suas casas. Após o processo de reconhecimento como remanescente de quilombola pela Fundação Cultural Palmares, Mumbuca e outros povoados ganharam força para permanecerem em suas terras (REZENDE, online). Isso porque, segundo o Artigo 68 da Constituição Federal de 1988, “aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras, é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes títulos respectivos”.

Os moradores da região envolvidos com o PEJ demonstraram pouco esclarecimento sobre a importância do mesmo, principalmente aqueles que proprietários que foram afetados pela área atual da Unidade, e que os levou a não enxergar com simpatia e segurança a criação do PEJ. Além disso, o Parque está atraindo muita gente de fora, inclusive alguns empreendedores, investidores e especuladores imobiliários que acabam pondo em risco os aspectos culturais de algumas comunidades bastante arraigadas com as condições ambientais da região. Esse receio de perder a identidade cultural precisa ser bem trabalhado no sentido de preservar os aspectos positivos e de desestimular outros danosos ao meio ambiente como o fogo. (TOCANTINS, 2003)

Dentre as providências adotadas pelo NATURATINS em conjunto ao ICMBio¹⁹ com a criação do PEJ está o Protocolo do Fogo, que promove ações de combate aos incêndios florestais e controle às queimadas. Porém, durante anos os nativos foram obrigados a deixar a técnica de limpeza do solo de lado- algo que faz parte de sua cultura. Aldina Batista Dias dos Santos é a principal voz ativista das comunidades quilombolas do Jalapão e está presente em todos os processos territoriais e ambientais desde a criação da UC. Em entrevista para a autora, contou que muitos conflitos surgiram na época devido à falta de conhecimento sobre as leis (por parte dos locais) e a falta de respeito dos órgãos ambientais com as tradições dos locais.

¹⁸ Segundo “Tia Nêi”, em entrevista à autora, foram quase dez anos de muita pressão do Governo.

¹⁹ Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade.

Outra medida que afetou o povoado foi a Portaria Naturatins nº 362, em vigor no TO desde maio de 2007. Ela estabelece regras para a coleta do Capim Dourado, estipulando sua colheita entre os dias 20 de setembro e 30 de novembro e fiscalização através de uma carteira de licença. Desde então, os nativos de Mumbuca reclamam que muitas pessoas não seguem as regras impostas, o que acaba os prejudicando.

Os campos limpos úmidos de ocorrência de capim-dourado são manejados com fogo, pois esta espécie é resistente à queimada e a sua floração é estimulada no ano seguinte à queima. Assim, é preciso regulamentar o uso de queimas controladas para o manejo de campos limpos úmidos, de forma a permitir a geração de renda e garantir que matas e outras vegetações sensíveis ao fogo não sejam queimadas. (MIRANDA, 2016)

2.3. Jornalismo Cultural

Em *Jornalismo Cultural no Século 21* (2015, p.31), Frantjesco Ballerini aponta a dificuldade em definir o termo “cultura”, já que abrange costumes e valores. Ressalta que na época de Voltaire e Kant²⁰ era um conceito usado para designar civilização, processo de evolução moral e racional. Somente a partir do século XIX o conceito começou a migrar para o campo antropológico, voltando-se aos costumes dos povos, independentemente do saber acadêmico (BALLERINI, 2015).

Em um país com tantos povos e etnias como o Brasil, a diversidade cultural deveria ser mais valorizada e aprofundada pela editoria de cultura dos veículos de comunicação. O entretenimento faz parte do espectro cultural da editoria, e o objetivo aqui não é distingui-lo ou diminuí-lo, mas sim deixar a crítica de que o Jornalismo Cultural que está sendo feito hoje é pouco voltado aos traços que formam a identidade cultural de nossa nação. Traços esses como as comunidades quilombolas e indígenas, que são pouco vistas pela grande mídia e pelo Estado.

Ballerini (2015, p.33) lembra que a cultura tem importância vital no entendimento do comportamento humano ao longo da história. Para McCracken (2003)²¹, “a cultura detém as lentes através das quais todos os fenômenos são vistos”, porém ela se manifesta das mais diferentes formas, e, por isso, alguns autores dividiram-na em *popular*, *erudita* e *de massa*.

²⁰ Segundo Silva (1997), em citação de Ballerini (2015).

²¹ Em citação de Ballerini (2015).

Não é novidade que a internet coloca em cheque a comunicação impressa cada dia mais. Com isso, é claro que o Jornalismo Cultural também mudou radicalmente, já que acompanha as alterações estruturais do momento. Basicamente, é uma editoria em crise de identidade, como diz Cerigatto (2015, p.40).

Com relação à Comunidade Mumbuca, é importante citar que não acontece apenas um abandono social por se tratar de uma cultura popular, mas também por se tratar de cultura negra, indígena e quilombola. Como já foi comentado, a falta de estudos concretos sobre o povoado, suas origens e costumes, é alarmante. Não existe um livro que aborde Mumbuca aprofundadamente, por se tratar de publicações mais fotográficas do que literárias. Não há também nenhum documentário ou filme oficial, a não ser alguns poucos vídeos informais no *YouTube*. Na televisão, as reportagens realizadas focaram a natureza do Jalapão, e não os povos que ali vivem em condições desfavoráveis e em constante atrito com as organizações ambientais. Em novembro desse ano, o Jornal da Record lançou a série *As belezas do Jalapão*. Como o nome já diz, as pessoas não são seu foco. O episódio onde aparece Mumbuca é, na realidade, sobre o Capim Dourado, mas não aborda as histórias por trás dele ou algo além.

“Os documentários dão-nos a capacidade de ver questões oportunas que necessitam de atenção”, pontua Nichols (2010, p. 26). Todos sabem que ainda existem comunidades quilombolas, isoladas não apenas territorialmente do resto da civilização, mas culturalmente também. A Comunidade Mumbuca, como muitas outras, possui estilos de vida e tradições desconhecidas pela maior parte das pessoas. Os problemas que sofrem relacionados a reconhecimento de terra, preconceito, saneamento básico, não chegam aos ouvidos alheios.

2.4. Documentário Etnográfico e Linguagem

Durante a visita da realizadora desse projeto à Mumbuca, diversas questões sobre a abordagem do produto final foram levantadas. Como retratar aquela realidade de maneira atraente ao espectador? Como conquistar a confiança de pessoas que são receosas, pois já viram sua história ser distorcida? Como organizar os mais de 15 depoimentos? Como participar do filme e relatar a experiência pessoal da diretora?

Bill Nichols, em *Introdução ao Documentário (2010)*, diz que todo filme é um documentário, mesmo as mais extravagantes ficções. Isso porque tudo reflete uma

cultura. Para ele, os documentários transmitem um conceito mesmo que indiretamente. É, portanto, a combinação do subjetivo e do objetivo que forma um documentário, e a forma como o “outro” é retratado é reflexo da ética do jornalista. O cineasta deve se perguntar sobre o que ele vai falar (algo de interesse comum a todos), de quem ele vai falar (lembrando que o telespectador não possui laços com a personagem), e para quem ele vai falar.

José da Silva Ribeiro (2007) fala que o filme etnográfico funciona como arquivo de uma enciclopédia sobre as sociedades, e que descreve as técnicas, o habitat, o artesanato, as formas de agricultura e os rituais de um povo. Para Eliot Weinburger, o “cinema etnográfico pode ser um subgênero do documentário ou um ramo especializado da Antropologia e equilibra-se precariamente nos limites de ambos” (RIBEIRO, 2007, p.10). Dessa forma, *Quilombo Dourado* é classificado como tal.

Jean Rouch é um dos pais do cinema etnográfico da França e do mundo. Fundou um comitê cujo principal objetivo era criar uma ponte entre a antropologia e o cinema. Ele conta²² que é normal reduzir, por exemplo, um dia inteiro de filmagens a alguns segundos de filme. Quando a montagem dos filmes com sincronização de som e imagem se tornou possível, questionou-se o que era realidade, e com isso surgiu o termo “cinema-verdade”.

A questão é que, a partir do momento que fragmentos das filmagens são selecionados e organizados, a história muda. É por isso que “nos filmes etnográficos e documentários, a ‘realidade’ será sempre um ‘ponto de vista documentado’, como dizia Jean Virgo, autor do filme *À propos de Nice (1929)*” (PEIXOTO, 1999, p.102).

A linguagem documental permite que o autor explore o lado imagético, poético e criativo do produto, sem interferir na credibilidade- imposta através dos relatos de personagens, documentos e registros. Diferente da notícia, o documentário não trata necessariamente de temas atuais. Não é pautado pelo imediatismo, e, por isso, explora os assuntos com mais profundidade.

Nichols (2010) relata que um documentário não necessariamente pertence a apenas um gênero- observativo, expositivo, poético, reflexivo, performático, participativo. No caso de *Quilombo Dourado*, a obra possui traços poéticos e

²² Em entrevista para Ribeiro (2007, p.34).

participativos, pois utiliza um padrão mais livre de imagens, trabalha mais com as emoções e a diretora é uma personagem ativa no enredo.

Quanto à abordagem narrativa, a peça possui traços típicos do chamado Jornalismo Literário²³ (JL), gênero este muito caracterizado pelos filmes de Eduardo Coutinho²⁴. Tronco (2007) cita que a partir dessa época as reportagens se tornaram mais extensas e intensas. Permitiam que o jornalista se envolvesse com a produção em outro nível, passando semanas em um ambiente observando os detalhes imperceptíveis em um primeiro momento. O próprio Jean Rouch agregou ao gênero uma nova pitada; a narração em *off* feita por ele mesmo. Portanto, é do Jornalismo Literário que surge o Cinema-Verdade.

Aspectos do JL que podem ser notados em *Quilombo Dourado* são a maneira como a autora interagiu com as personagens, a todo momento as deixando confortáveis e mantendo a pauta sempre aberta para que eles falassem o que quisessem, e a imersão da autora naquele ambiente durante dias, criando uma relação além da repórter-entrevistado. Além disso, os *offs* autorais e o uso de símbolos para contextualizar as personagens também se relacionam ao JL.

3. DESENVOLVIMENTO DA PEÇA

O intuito desse documentário foi apresentar a Comunidade Quilombola Mumbuca como um povoado que cresceu em uma realidade paralela ao resto do Brasil, longe do capitalismo e até mesmo do turismo durante dois séculos. A proposta foi trazer personagens ícones do quilombo para discutirem sobre sua história, seus costumes, religião e dificuldades com relação aos limites impostos pela criação do Parque Estadual no Jalapão.

Como Jean Rouch dizia, um filme é um fragmento de uma realidade, “um ponto de vista documentado, a partir do momento que um dia de filmagem se transforma em alguns minutos na edição do material”²⁵.

²³ Começou a ser chamado como tal na década de 60, mas o gênero começou a crescer na década de 1960, nos EUA, quando era conhecido como *New Journalism*. Tratava-se de uma nova forma de fazer reportagens, fora dos padrões convencionais e inspirada pelos romances do século 19, segundo Tronco (2007).

²⁴ Dirigiu documentários como *Cabra Marcado para Morrer*; *Santa Marta*; *Duas Semanas no Morro*; *Babilônia 2000* e *Santo Forte*.

²⁵ Em entrevista à Ribeiro (2007).

Quando pensei no roteiro para a montagem de *Quilombo Dourado*, com 15 entrevistas em mãos e diversos temas sendo abordados, não sabia decidir “que história iria contar”. Poderia ter seguido inúmeros caminhos, cada um conduzindo a uma abordagem completamente diferente. Então, escolhi contar a história do povoado, do Capim Dourado, da questão territorial e da cultura de Mumbuca. Uma versão entre várias que esse documentário poderia ter tido.

Com o tema decidido, a primeira coisa que fiz foi tentar entrar em contato com algum habitante da comunidade. Mande e-mail à *Associação do Capim Dourado de Mumbuca*, mas não tive resposta. Alguns dias depois, recebi uma solicitação de amizade no *Facebook* de Ilana Cardoso, que trabalha com turismo em Palmas, é quilombola e membro da *Associação*. Conteí a ela sobre minha proposta de TCC e ela se mostrou muito animada em ajudar.

Eu já sabia que a colheita do Capim Dourado aconteceria de 20 de setembro a 30 de novembro, e que dos dias 11 a 16 de setembro haveria a Festa da Colheita, portanto teria que realizar as filmagens ainda no sexto semestre do curso, sem um orientador. Infelizmente, já estávamos no mês nove, e o preço das passagens aéreas estava fora do meu orçamento.

Minha preocupação era conseguir filmar os campos cheios de capim, mas Ilana disse que, indo em novembro, não haveria problema. Assim, programei a viagem para 31 de outubro a 08 de novembro. Para minha surpresa, só quando cheguei lá descobri que na verdade as veredas não estavam tão fartas, e não consegui capturar as imagens que pretendia.

A princípio, gostaria de ter embarcado nessa jornada sozinha, mas logo percebi que viajar ao Jalapão não é tarefa simples, principalmente para uma mulher no Brasil. Assim, meu pai prontamente se ofereceu para me acompanhar, até porque seu trabalho (Consultor Ambiental) exige que ele conheça o país todo. Foi uma ajuda imensa tanto para carregar os equipamentos quanto como companhia, mas realizei as gravações totalmente sozinha.

Eu não sabia o que esperar dessa viagem. Ainda estava em fase inicial deste relatório e não tinha uma ideia concreta do que eu queria mostrar no documentário. Com muita pesquisa e a ajuda de Ilana, levantei alguns tópicos importantes que gostaria

de abordar, mas não fiz um pré-roteiro, já que não sabia quem seriam minhas personagens.

A ideia sempre foi me hospedar na casa de alguém do povoado para me aproximar mais da realidade e do cotidiano daquelas pessoas. Descobri então que Dona Antônia, tia de Ilana, havia montado uma pousada em sua própria casa; a Pousada e Restaurante da Tonha. Foi lá que me receberam da melhor forma durante aquela semana.

Poucos dias antes da viagem, eu e meu pai descobrimos que não é permitido alugar um carro nas locadoras de Tocantins com menos de 21 anos de idade- e meu pai não possuía carteira de motorista. Dessa forma, Ilana me indicou um guia que poderia nos levar até o povoado; o Damião. O único jeito de chegar à Mumbuca é através de uma estrada de terra, sem iluminação ou sinal de celular, com um carro 4x4, já que o caminho é complicado. São mais ou menos 8 horas e 30 minutos de viagem (340 km). Só posso dizer que ficamos gratos por ter um guia.

3.1. Gravações

Todas as filmagens aconteceram entre 31 de outubro e 08 de novembro de 2018, quando eu ainda cursava o sexto semestre da faculdade, e não tinha orientador. A busca por personagens foi feita 100% *in loco*, e eu não havia um pré-roteiro.

Levei como equipamento duas câmeras alugadas da faculdade, uma câmera própria para fotos e um microfone de lapela. Apesar de ter levado baterias extras das máquinas alugadas, duas delas estavam viciadas²⁶ e eu tive o trabalho dificultado. Na comunidade, só há sinal de internet na escolinha²⁷ e o 4G nem existia. Além disso, as tomadas elétricas eram poucas, e eu só conseguia recarregar as máquinas durante a noite.

Meu primeiro e último dia de viagem foram de estrada, apenas. No segundo e terceiro dia encontrei obstáculos: quando estava visitando a Loja do Capim Dourado, conversei com a mocinha que trabalhava no caixa. Ela tinha 18 anos. Logo me perguntou o que eu estava fazendo lá, e quando eu disse que gravaria um documentário

²⁶ A bateria de uma câmera está viciada quando sua carga descarrega rapidamente, sem atingir seu potencial total. No caso da câmera que levei, a bateria se esgotava em aproximadamente três minutos.

²⁷ Mumbuca possui uma escola que vai até o ensino fundamental, e lá é o único lugar do povoado com Wi-Fi.

sobre a comunidade para meu TCC de Jornalismo, ela fechou a cara. Fez diversas perguntas e disse que alguns pesquisadores já haviam feito trabalhos sobre o povoado, distorcendo a realidade. E o pior, nunca mais voltaram para mostrar o resultado do estudo, eles tiveram que descobrir sozinhos.

Esclareci a ela que meu objetivo era contar uma história e nada mais. Por isso havia escolhido o formato de documentário, para que eu contasse tudo da maneira mais realista possível. Ela entendeu, mas disse que o que a deixava chateada era que eles (Mumbuca) não eram um objeto de estudo. Eram pessoas normais, apenas. Esse ocorrido me fez pensar muito em Janaína Amado (1998 apud ROUCHOU, 2003, p.4), que dizia que o entrevistador deve sempre lembrar que a conversa exibida trará consequências ao entrevistado. Por isso, é preciso ética, respeito e comprometimento. O documentarista está contando uma história real que pode trazer complicações a suas personagens.

Jean Rouch²⁸ diz que “no filme etnográfico, para mim, a coisa mais importante é o feedback, isto é, a devolução às pessoas que filmamos do filme que fizemos sobre elas”. Por isso, prometi a mim mesma que voltaria ao Jalapão em 2020 para mostrar em primeira mão às pessoas que me ajudaram e me acolheram, o resultado do trabalho. Também pretendo continuar a edição deste filme, para que eu possa divulgar futuramente um produto mais completo.

Voltando à viagem, outro empecilho que encontrei foi o fato de que precisaria da autorização do presidente da *Associação do Capim Dourado* para começar as entrevistas. Por conta dos ocorridos, eles têm receio de qualquer pessoa de fora. Só pude encontrá-lo no dia seguinte, pois ele estava na roça. No começo ele parecia bem desconfiado, e demorou a entender que se tratava de um documentário. Dona Tonha me ajudou a ganhar sua confiança, e ele logo se animou com a ideia. Concedeu permissão, mas disse que eu teria dificuldade em obter as autorizações de uso de imagem e voz, pois lá todos são analfabetos. Realmente, tive de pegar as autorizações em vídeo, mas não consegui que todos os entrevistados o fizessem. Dessa forma, quando eu retornar ao Jalapão, pretendo encontrar uma outra forma de adquirir as autorizações por escrito.

²⁸ Em entrevista para Ribeiro (2007, p.41).

3.2. Entrevistas

Ao todo, foram 15 entrevistados. Procurei colocar o máximo de fontes no documentário, mas infelizmente a seleção do material teve que ser limitada ao tempo de duração do curta. Desde o primeiro dia, Dona Tonha e Damião me apresentaram para muita gente, todos muito simpáticos e receptivos. As conversas que tive com as pessoas enquanto não estava filmando foram muito especiais, e gostaria de as ter capturado, mas é aquela história: a maioria das pessoas se intimida com uma câmera, e acaba não se abrindo tanto.

OS ENTREVISTADOS FORAM:

-Adelsino Pereira Gomes: agricultor e dono do *Restaurante da Vila* junto com sua esposa e filhos.

-Aldina Batista Dina dos Santos: acompanha os processos territoriais das comunidades quilombolas do Jalapão e é casada com o pastor.

-Antônia Ribeiro da Silva: dona da *Pousada da Tonha* e ex-vereadora de Mateiros (2005).

-Damião Carlindo Saraiva da Silva: guia turístico da *Rota Nativa Ecoturismo*, morador de Mateiros.

-Diomar Ribeiro Gomes (Santinha): artesã e responsável pelas cantigas de roda, tal como Maurício.

-Emivaldo Rufo Cunha: conhecido como Feio Véio, se mudou para o Jalapão em 1984 e se casou com uma quilombola de Mumbuca. É um dos fundadores de Mateiros, onde possui a *Pousada e Restaurante Beira da Mata*.

-Geiciane Ribeiro da Silva: filha de Dona Tonha e José, ajuda a manter a pousada.

-Ilana Ribeiro Cardoso: nasceu em Mumbuca, estuda Turismo em Palmas e é guia na *Rota Nativa Ecoturismo*, que trabalha com o turismo de base comunitária na região.

-José Ribeiro da Silva: marido de Dona Tonha, é agricultor.

-Josilene Carvalho da Silva: é a dona e cozinheira do *Restaurante Viola de Buriti*.

-Judite Ribeiro de Sousa: nasceu em Mumbuca, mas se mudou para Goiânia aos três anos de idade. É bordadeira profissional na máquina industrial.

-Laurina Ribeiro da Silva: esposa de Adelsino cuida do restaurante e foi presidente da Associação do Capim Dourado por dois anos. Não é mais artesã por um problema de saúde.

-Maureni da Silva Tavares: aos 36 anos, é mãe de doze e artesã.

-Maurício Ribeiro da Silva: toca a viola de buriti e é o responsável pela maioria das cantigas de roda do povoado. Também cuida do *Restaurante Viola de Buriti* com sua esposa Josilene.

-Noemi Ribeiro da Silva (Doutora): é a curandeira da comunidade desde criança. Aprendeu a “medicina do cerrado” com sua mãe, e é também artesã.

3.3. Linha Narrativa e Montagem da Peça

O documentário *Elena*, de Petra Costa, serviu de inspiração para a produção deste, tanto na construção de uma narrativa mais lírica e poética, quanto na captura das imagens e no texto dos offs, que funcionaram como fio condutor da história.

Com o material bruto em mãos e as entrevistas decupadas, construir uma linha de pensamento foi mais difícil do que pensei. Realizei um roteiro, mas foi na mesa de edição que a história criou vida. Contratei o profissional Carlos Jardim para ajudar na edição, mas nada foi feito sem a minha supervisão. Diversos trechos, na verdade, foram obras minhas, assim como o *teaser*.

Construir uma narrativa que seja poética e ao mesmo tempo inclua muitas personagens e falas não foi fácil, pois uma coisa é quase oposta da outra. Porém, acredito que eu tenha sucedido em criar um equilíbrio entre essas duas coisas. As imagens que gravei foram fundamentais para criar a atmosfera mais artística, tal como os *offs* incluídos posteriormente.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Antes de mais nada, fiz este documentário **para** a Comunidade Quilombola Mumbuca, em resposta ao tratamento que me foi dado durante a semana em que estive lá. Cada uma das pessoas com quem interagi me recebeu de braços abertos dentro de suas casas me mostrando seus costumes e crenças, apesar de já terem passado por situações nas quais pessoas abusaram de sua confiança e distorceram os fatos.

Por mais que tenha estudado sobre o local previamente, só entendi realmente o que é Mumbuca durante a estadia. Sinto como se tivesse passado mais tempo no povoado, pois o vínculo que desenvolvi com aquelas pessoas foi maior do que eu poderia ter imaginado. Para mim, a experiência foi além da produção de um TCC. Foi pessoal.

Tenho orgulho do meu produto final e, principalmente, de seu processo de criação. Durante as gravações, procurei deixar as pessoas confortáveis, pois não queria que ninguém se sentisse explorado ou objetizado. Claro que conduzi as entrevistas, mas deixava minhas fontes falarem abertamente sobre o que quisessem. As entrevistas foram quase como conversas normais que tivemos *off camera*.

Inclusive, sinto que falhei no quesito direção, pois usei tanto da naturalidade e espontaneidade que dirigi muito pouco as filmagens. E, se o tivesse feito, as cenas e enquadramentos, além das imagens de apoio, teriam ficado melhores. Na edição, senti falta de algumas imagens de cobertura justamente por conta disso. Aprendi com esse trabalho a não ter vergonha de dirigir, pois isso é uma coisa normal dos documentaristas e contribui muito com o resultado final.

Uma questão em que fui bem-sucedida nesse trabalho foi introduzir Mumbuca em todos os sentidos. As trilhas sonoras utilizadas foram ou captadas *in loco* – pois a musicalidade faz parte de seu dia a dia – ou retiradas dos CDs de Maurício e Santinha, que me foram dados justamente para essa finalidade. Os sons da comunidade contribuem demais para levar o telespectador àquela atmosfera.

Decidi incluir narrações feitas por mim para conduzir a história, e busquei colocar um pouco da minha experiência pessoal em uma delas, feita em primeira pessoa. Porém, muitas outras vivências especiais poderiam ter sido relatadas, apenas escolhi não as colocar por conta do tempo de duração do curta. Uma delas foi o aniversário de Ilana, onde todos do povoado se uniram em uma prainha, cozinham juntos, cantaram e rezaram. Lá, ao invés de cantar parabéns com bolo e velinhas, todos se dão as mãos em uma roda e dizem palavras bonitas ao aniversariante. Depois, rezam cada um ao seu modo, mas juntos e em voz alta. É encantador e assustador ao mesmo tempo.

Esse trabalho foi essencial para minha formação como jornalista e me fez aguçar ainda mais minha paixão por audiovisual. Sempre gostei de fotografia, mas antes das gravações desse documentário eu nunca havia gravado nada, muito menos editado. E

quanto ao universo cultural, sempre gostei muito, por isso estagiei em uma revista de viagens de jornalismo literário e pretendo continuar nesse ramo.

Meu objetivo era mostrar um pouco dos costumes de Mumbuca e a questão territorial, além de suas belezas naturais, e acredito que tenha conseguido o que queria. Na edição, apesar de não ter conseguido incluir a pegada poética tanto quanto queria, fiquei feliz com o resultado, que uniu o artístico e o jornalístico na medida do possível dentro dos 25 minutos máximos de duração. Portanto, minha pergunta-problema foi respondida positivamente. “Como abordar jornalisticamente e de forma poética o objeto de pesquisa mencionado?”: deixando com que suas fontes abordem abertamente os temas que acreditam ser necessários; capturando imagens esteticamente agradáveis; incluindo momentos “de respiro”, com silêncio ou trilha; definindo muito bem o foco que será dado ao filme; colocando um toque pessoal ao documentário; tendo sensibilidade para saber quando filmar e quando não; com respeito e ética, acima de tudo.

Com esse curta, acredito que pude contribuir na divulgação de um tema pouco abordado pela editoria de cultura, apesar de se tratar de um importante aspecto da identidade de nossa nação. O documentário também ajudará a despertar nos telespectadores uma ideia diferente sobre o que é o Jalapão, que não é feito apenas de fervedouros, cachoeiras e dunas de areia.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Agência Nacional das Águas. **Tocantins**. Disponível em: <<http://www3.ana.gov.br/portal/ANA/sala-de-situacao/tocantins/saiba-mais-tocantins>>. Acesso em: 08 out. 2018.

AMIN, Júlia. **No Parque Estadual do Jalapão, um mergulho na natureza**. 2018. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/boa-viagem/no-parque-estadual-do-jalapao-um-mergulho-na-natureza-22554962>>. Acesso em: 19 set. 2018.

BARBOSA, Lucian Rufo; SILVA, Greize Alves da. **O VOCABULÁRIO DO “CAPIM DOURADO” – CULTIVO, EXTRAÇÃO E MANUSEIO – UM ESTUDO LÉXICO-SEMÂNTICO**. 2018. Disponível em: <<file:///C:/Users/Fabiana/Downloads/4337-Texto%20do%20artigo-23263-1-10-20180227.pdf>>. Acesso em: 14 jul. 2019.

BALLERINI, Franchesco. **Jornalismo Cultural no Século 21: Literatura, artes visual, teatro, cinema e música. A história, as novas plataformas, o ensino e as tendências na prática**. São Paulo: Summus Editorial, 2015. 223 p.

BRASIL. Geraldo Gurgel. Ministério do Turismo. **Jalapão e capim dourado: tesouros naturais do coração do Brasil: Selvagem e belo, parque estadual do Jalapão é destino certo para aventureiros que amam a natureza e abriga outra riqueza do cerrado, o capim dourado**. 2016. Disponível em: <<http://www.turismo.gov.br/%C3%BAltimas-not%C3%ADcias/6349-jalap%C3%A3o-e-capim-dourado-tesouros-naturais-do-cora%C3%A7%C3%A3o-do-brasil.html>>. Acesso em: 08 nov. 2019.

CALDAS, Tânia. **Naturatins auxilia na criação de unidade de conservação**. 2017. Disponível em: <<https://naturatins.to.gov.br/noticia/2017/11/29/naturatins-auxilia-na-criacao-de-unidade-de-conservacao-/>>. Acesso em: 20 maio 2019.

CAPIM DOURADO JALAPÃO (Jalapão). Sobre nós. Disponível em: <https://capimdouradojalapao.com/site/sobre-nos/> Acesso em: 19 maio 2018.

CERIGATTO, Mariana Pícaro. O papel do jornalismo popular e a relação com a cultura popular. **Estraprensa**, São Paulo, v.4, n. 17, p.38-49, dez 2015. Disponível em : <file:///C:/Users/Fabiana/Downloads/O_Papel_do_Jornalismo_Cultural_e_a_relacao_co_m_a_C.pdf>. Acesso em 27 maio 2019.

CISCO. **O tráfego mundial de dados móveis aumentará 7 vezes entre 2016 e 2021**. Disponível em: <https://www.cisco.com/c/pt_pt/about/press/news-archive-2017/20170208.html>. Acesso em: 19 nov. 2018.

COSTA, Petra. **ELENA**. 2012. Produtora Busca Vida Filmes. Disponível em: <<elenafilme.com/o-filme>>. Acesso em: 10 set. 2018.

DOLC, Julia; MEDEIROS, Nana. **A resistência das comunidades quilombolas no Jalapão**. 2014. Disponível em: <<http://vaidape.com.br/2014/04/a-resistencia-das-comunidades-quilombolas-no-jalapao/>>. Acesso em: 19 set. 2018.

ESTADO DO TOCANTINS. Governo do Estado do Tocantins. Site do Governo do Estado do Tocantins. **Parque Estadual do Jalapão**. Tocantins, 2018. 01 f. (Unidade de Conservação). Disponível em: <<http://gesto.to.gov.br/uc/45/>>. Acesso em: 19 set. 2018.

Encantos do Jalapão. Disponível em: <<https://turismo.to.gov.br/regioes-turisticas/encantos-do-jalapao/>>. Acesso em: 06 set. 2018.

FERNANDES, Dianne. **Dunas do Jalapão têm recorde de visitação em 2018**. 2019. Disponível em: <<https://naturatins.to.gov.br/noticia/2019/1/4/dunas-do-jalapao-tem-recorde-de-visitacao-em-2018/>>. Acesso em: 29 maio 2019.

FREDRYCH, Thelma Valentina de Oliveira. **Comunidade Mumbuca: Vivendo os entraves e desafios por ter seu território incorporado ao Parque Estadual do Jalapão - TO**. 2009. 1 f. TCC (Graduação) - Curso de Ciências do Ambiente, Universidade Federal do Tocantins, Tocantins, 2009. Disponível em: <http://gesto.to.gov.br/site_media/upload/gestao/documentos/Tese_Mestrado_Fredrych_Comunidade_Mumbuca_vivendo_os_entraves_e_desafios_por_ter_seu_territorio_incorporado_ao_Parque_Estadual_do_Jalapao.pdf>. Acesso em: 19 set. 2018.

FOLHA DO JALAPÃO (Tocantins) (Ed.). **Os incríveis fervedouros do Jalapão**. 2019. Disponível em: <<http://folhadojalapao.com.br/os-incriveis-fervedouros-do-jalapao/>>. Acesso em: 29 maio 2019.

MARTINS, Ricardo. **Jalapão, história e cultura: Unidades de Conservação do Estado do Tocantins**. São Paulo: Fm Editoria, 2012.

MELO, Cristina Teixeira V. de; GOMES, Isaltina Mello; MORAIS, Wilma. **O DOCUMENTÁRIO JORNALÍSTICO, GÊNERO ESSENCIALMENTE AUTORAL**. 2001. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/11572121297094948981203363898082664337.pdf>>. Acesso em: 20 nov. 2018.

MELO, Danúbia. **Instituto adota várias técnicas de prevenção ao fogo**. 2017. Disponível em: <<http://www.icmbio.gov.br/portal/ultimas-noticias/20-geral/9057-as-varias-tecnicas-de-prevencao-e-combate-ao-fogo>>. Acesso em: 10 ago. 2018.

MIRANDA, Marcelo. **Minuta do Projeto de Lei de Uso Sustentável do Capim-Dourado e do Buriti**. Praça dos Girassóis, Palmas: Secretaria do Meio Ambiente e Recursos Hídricos, 2016. 21 p. Disponível em: <<https://central3.to.gov.br/arquivo/319610/>>. Acesso em: 19 set. 2018.

MICHEL, Margareth de Oliveira; MICHEL, Jerusa de Oliveira. **Jornalismo Comunitário e História Oral**. 2012. 12 f. Monografia (Especialização) - Curso de Comunicação, XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul – Chapecó - Sc, Universidade Católica de Pelotas, Pelotas, Rs, 2012. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2012/resumos/R30-1785-1.pdf>>. Acesso em: 29 Não é um mês valido! 2019.

NASCIMENTO, Solange Aparecida do; ABIB, Pedro. **O efeito da cruzada neoevangélica sobre remanescentes de quilombo: questões sobre educação e**

identidade quilombola. 2016. Disponível em: <file:///C:/Users/Fabiana/Downloads/338-957-1-PB.pdf>. Acesso em: 12 ago. 2019.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário.** 5. ed. Campinas: Papirus Editora, 2010. 272 p. Tradução de Mônica Saddy Martins. Disponível em: <https://cadernoselivros.files.wordpress.com/2016/08/nichols-b-introduc3a7c3a3o-ao-documento3a1rio.pdf>. Acesso em: 06 out. 2018.

PEIXOTO, Clarice Ehlers. **Antropologia e Filme Etnográfico: Um Travelling no Cenário Literário da Antropologia Visual.** 1999. 24 f. Tese (Doutorado) - Curso de Antropologia Social e Visual, Ecole Des Hautes Etudes En Sciences Sociales, Rio de Janeiro, 1999.

PROJETO CERRADO-JALAPÃO (Brasília). Ministério do Meio Ambiente - Mma (Ed.). **A análise dos impactos, dinâmicas e causas do fogo é essencial para subsidiar decisões de Manejo Integrado do Fogo.** Disponível em: <http://cerradojalapao.mma.gov.br/mif>. Acesso em: 08 set. 2018.

REZENDE, Raquel. Artesol. **Associação Capim Dourado do Povoado de Mumbuca.** Disponível em: <http://www.artesol.org.br/rede/membro/associacao_capim_dourado_do_povoado_de_mumbuca>. Acesso em: 19 set. 2018.

RENNE, Monique. **Fervedouros do Jalapão.** Disponível em: <https://guia.melhoresdestinos.com.br/fervedouros-do-jalapao-219-2833-p.html>. Acesso em: 07 out. 2018.

RIBEIRO, José da Silva. **Jean Rouch - Filme etnográfico e Antropologia Visual.** 2007. Disponível em: <http://doc.ubi.pt/03/artigo_jose_ribeiro.pdf>. Acesso em: 09 jul. 2019.

SOUZA, Maria Antônia Valadares de; SANTOS, Nayara Silva dos; CANÇADO, Aírton Cardoso. **O TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA NO TERRITÓRIO DA CIDADANIA DO JALAPÃO (TO): A EXPERIÊNCIA DAS COMUNIDADES QUILOMBOLAS PRATA E MUMBUCA.** 2017. 3 f. Tese (Doutorado) - Curso de Núcleos de Extensão em Desenvolvimento Territorial, Nedets, Goiânia, 2017. Disponível em: <http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/baru/article/download/6168/3369 >. Acesso em: 19 set. 2018.

TOCANTINS. Cleide Veloso. Governo do Tocantins. **Naturatins inicia treinamento de queima controlada através do MIF.** 2019. Disponível em: <https://naturatins.to.gov.br/noticia/2019/5/24/naturatins-inicia-treinamento-de-queima-controlada-atraves-do-mif/>. Acesso em: 20 maio 2019.

TOCANTINS. Marcelo de Carvalho Miranda. Governador do Estado do Tocantins. **Plano de Manejo do Parque Estadual do Jalapão.** 2003. Elaborado por Governo do Estado do Tocantins, Secretaria do Planejamento do Meio Ambiente e Instituto Natureza do Tocantins. Disponível em: <http://gesto.to.gov.br/site_media/upload/gestao/documentos/Plano_de_Manejo_-_PEJ_-_Encarte_2_-_Planejamento.pdf>. Acesso em: 08 ago. 2019.

TOCANTINS. Naturatins. Instituto Natureza do Tocantins. **Portaria Naturatins N 362 de 25 de maio de 2007**. 2007. Disponível em: <<https://central3.to.gov.br/arquivo/390347/>>. Acesso em: 12 jan. 2019.

TRONCO, Selma Rizzetto. A obra de Eduardo Coutinho sob a ótica do jornalismo literário. In: XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Santos, SP: Unifiamfaam, 2007, p. 01-13. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R0903-1.pdf>>. Acesso em: 09 nov. 2019.

6. ANEXOS

I. CDs *Viola de Buriti* (de Maurício Ribeiro) e *Cantigas de Roda* (de Santinha, com participação de outros moradores de Mumbuca), utilizados no documentário *Quilombo Dourado*.



II. Cartões coletados durante a viagem.



7. APÊNDICES

I. Estilo de construção das casas do povoado Mumbuca.



II. Autora do projeto filmando uma entrevista.

